ANNO 12.º — Sabado, 10 de Janeiro de 1920 — Numero 605

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Da nossa justiça

A proposito de uns festejos

Se não brotarem desta terra amargurada energias novas, estamos num momento crepuscular da propria nacionalidade.

(De *A Capital*, diario republicano).

Aos primeiros rebates anunciadores de umas projectadas festas comemorativas do aniversario da derrota couceirista, logo aqui, com a franquêsa e liberdade de sempre, as condenámos. E condenámo-las *in limine*, sem conhecer, sequer, do seu programa, que poderia ser pequeno, modesto, economico, significando apenas o acordar duma data para todos nós, no fundo, agradavel e patriotica.

O conhecimento, porêm, da grandêsa desse programa, a indicação dos seus numeros, a complexidade que ele implica e especialmente a despeza a que obriga não só a bolsa particular, como, nomeadamente, o tesouro publico, impõe-nos o dever sagradamente patriotico, puramente republicano, de manifestarmos o nosso protesto da maneira mais formal e energica contra essas festas que, executadas agora, quando envolvidos em tão perigosas e gráves circunstancias, **estamos num momento crepuscular da propria nacionalidade,** só traduzem um crime, pela inconsciencia que representam, pela indiferença que acusam!

Não deve ser!

Não póde ser!

Este brado, solto, erguido com toda a força dos nossos pulmões e com toda a energia da nossa alma, é o protesto solene, é a condenação tacita, contra essa tentativa da realisação de um programa de festas, que é um ultrage, que é uma afronta, que é um aviltamento, protesto que estendemos contra a continuação duma politica de desorientação, de desordem, que nada vê, nada sente, nada escuta—nem a agonia da Patria, nem o estructor do povo português!

A todos os republicanos, dignos dessa designação, cabe, neste momento, o dever sagrado de acorrerem, por todos os processos e maneiras, a erguer a Patria, esta Patria tão grande que encheu o mundo todo, do abismo para onde a teem miseravel e traiçoeiramente empurrado numa longa série de crimes, todos quantos—sem excepção dum sómente—tem colocado, acima de tudo, as suas paixões, os seus odios e as suas vinganças.

E' preciso—ó verdadeiros republicanos, republicanos que jogasteis a vida e a liberdade só por amor do Ideal!—é preciso resgatar a Patria, ergue-la, salvando-a do descalabro iminente e inevitavel se continuarem a tripudiar sobre os seus erros, os vendilhões indignos, os vaidosos insaciaveis, os barriguistas vorazes.

Pois quando de toda a parte se soltam brados de socorro, quando se clama e pede a prevenção, o remedio, a energia precisa para não cairmos no abismo que se apresenta já com o **crepusculo da propria nacionalidade,** jacteiam-se republicanos na apresentação dum programa de festas que implica uma despêsa enorme não só com o transporte de bandas militares de Lisboa e doutras partes, condução de tropas que atingirão o numero de 600 homens, que hão de vir de fóra, porque na guarnição da cidade não os ha e ainda artilheria para as salvas do estilo?

Que diga qualquer tudo isto—a responsabilidade irá a quem toca—mas o que se não póde tolerar é que enquanto o sr. ministro das Finanças afirmar no Parlamento que o momento exige uma acção governativa, decidida e salutar, sendo a hora de sacrificio para todos, os seus colegas da guerra e da marinha sancionem ou anuam á satisfação de despezas que são um flagrante escarneo, um verdadeiro contrasenso.

O triunfo da Republica, o premio a todas as virtudes civicas e patrioticas do povo desta região e das forças militares que patrioticamente se bateram pela Democracia, nas margens do Vouga, estão já suficientemente consagradas na distinção concedida a esta cidade, aureolada com o brilho das festas realisadas, com a devoção com que todos nós assistimos a essa tocante cerimonia: a condecoração da bandeira do municipio.

Repizar essê argumento, procurar o mesmo pretexto, num momento tão gráve que os mais distintos escritores e jornalistas republicanos consideram e julgam *crepuscular para a propria nacionalidade,* é mais do que uma loucura, é—repetimos—um crime.

Com a Patria sofre o Povo, o Povo genuino, que não partilha das grandes conezias, dos monopolios, das negociatas escuras, das ladroeiras vergonhosas. O Povo, que apezar do aumento de salario, não póde viver, que, como nós, sofre e geme, expoliado e roubado por toda a especie de ladroeira que o governo não impede, não vê, nem quer saber!

Isto não é a Republica que nós tantos anos e tantas vezes afirmámos e jurámos que fariamos; aquele principio que implica a formula—do Povo e para o Povo!

Entremos todos, em nome da Patria, não para os salões festivos, onde se exibam as mezas cobertas de iguarias, devorando-as, enquanto, como no tempo de Roma, cá fóra se morre de fóme, mas para a oficina, para o escritorio, para onde o trabalho, a actividade e o amor da Patria possa concorrer para a sua salvação!

Festas, quando ha fóme; festas, quando ha mizeria; festas, quando a Patria quasi que agonisa; festas, quando de toda a parte se grita: —perigo!—é contraproducente, é ofensivo dos mais insignificantes sentimentos patrioticos.

Não acabem, por completo, com um resto de amor e de respeito pela Patria para que de todo não triunfe a indiferença feita das desilusões, de comoções e de desfalecimentos, que pouco a pouco se tem desfeito em farrapos—esperanças, promessas, convicções, cuja destruição ás mãos nefastas do sectarismo e da incompetencia, surge como a obra implacavel dos erros, dos desvarios e violencias dos politicos!

Este sintoma, esta indiferença é a dos povos doentes e das horas amargas que eles suportam.

Não agravemos, pois, a situação.

Modifiquemo-la com a pratica dos bons actos e dos altos exemplos.

E' por isso que não pódem nem devem haver festas entre doentes a dentro duma enfermaria.

E se as fizerem, como Pilatos, diremos—*De aí lavamos as nossas mãos*...

NOTA POLITICA

O assunto palpitante da semana é a demissão do ministerio que as oposições atiraram por terra depois de recomposto.

Foi, sem duvida, uma surprêsa, mas a atitude violenta que logo se esboçou na Câmara por parte da oposição, de pronto convenceu o sr. Sá Cardoso a abandonar o governo.

Em boa verdade, os novos ministros, embora prodigos em palavras e em referencias a largas medidas, nomeadamente financeiras, com pompa apregoadas, não possuiam—e isso reconheceu o o país inteiro—a envergadura, os indispensaveis dotes que seriam necessarios dispôr para tão gráve momento.

O novo ministro das Finanças, sobretudo, era intoleravel pelas provas de incompetencia já manifestadas. Não é ministro quem quer e nem todos pódem corresponder, ainda que muita vontade os anime, á responsabilidade inerente a taes cargos.

Não nos enganâmos supondo que deve ser morosa e dificilima a resolução da crise, de que talvez resultem grandes surprêsas. E sem pretenções a Bandarra, antevemos a dissolução das Côrtes, consulta do eleitorado e um governo, até lá, sem feição politica.

Enganar-nos-emos?

E' muito possivel, porque o contrario do que supômos, entra no numero das surprêsas... aguardadas.

ARROTA... PELINTRA

Antigos e futuros dirigentes da nação chama tambem o orgão da gentalha da Vera-Cruz aos *dois ilustres membros do parlamento* que aí estiveram em *visita oficial* durante dois dias, que *ficarão marcando, assim, uma data de luminosa lembrança para Aveiro e.....*

Nem nos atrevemos a concluir o resto.

Antigos e futuros dirigentes da nação os snrs. Antonio Maria da Silva, que nem a repartição onde superintende sabe dirigir e Barbosa de Magalhães, o chefe dos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos,* marca de anzol, hãode concordar que só á gargalhada.

Mas quando se emancipará Portugal dos que estão sendo a causa da sua ruina?

PRISÕES

O correspondente desta cidade para um jornal do Porto relata que estão detidos alguns individuos por terem furtado as rações que se destinavam ás mulas que puxam o *landau* do medico Pereira da Cruz e mais dois que roubaram um pouco de feijão ao sr. Manuel da Silva Ribeiro.

E' o caso: prendem-se os que roubam porque teem fome, deixando á solta as quadrilhas organisadas e exploradoras do proximo.

No momento presente só duma coisa temos pena—é o sr. Pereira da Cruz ter ficado sem palha...

Embrulhando

O *Camaleão*, á custa da vinda aqui do Administrador Geral dos Correios, ao qual se agregou o sr. Barbosa de Magalhães, principia já a embrulhar o nome deste com o do presidente da Câmara de Aveiro, tentando, assim, que o *ilustre homem publico* côlha e partilhe dos louros e aplausos que tem coroado e hão-de coroar a grande tarefa de melhoramentos que exclusivamente esta cidade terá de dever ao seu dilecto filho, dr. Lourenço Peixinho.

Ha muito e até no proprio local este nos disse o que pretendia fazer do edificio da extinta Sé, se tivesse tempo e dinheiro. Pois agora aparece a gazeta da familia a atribuir a entendimentos e protecções, auxilios e ajudas de Barbosa Magalhães a Lourenço Peininho, tudo quanto de melhoramentos e transformações ha muito estão no programa do presidente da comissão executiva do municipio!

E explica-se assim o *Camaleão:*

Um e outro dos referidos melhoramentos são de indiscutivel necessidade e do mais alto valor, colaborando neles o governo com a Câmara Municipal e a Câmara Municipal com o governo.

Este governo—estás a vêr—é Barbosa de Magalhães, mais que não seja do que a fantasia do *Bichêsa.*

Mais abaixo diz ainda o novelista:

Para o palacio da Justiça (só o termo vale dinheiro!) concorrerá o Estado com a verba que o snr. dr. Barbosa de Magalhães espera conseguir do ministro respectivo, e já para o aformoseamento do qual o snr. dr. Lourenço Peixinho adquiriu, em praça, no domingo ultimo, umas quatro moradas de casas fronteiras á Sé que vão ser destruidas e em substituição das quaes ali ficará um amplo espaço d'acesso.

....

E bemdita a hora em que com o pensamento na boa terra onde nascemos, os seus homens de acção conjugam forças para a fazer caminhar e progredir.

Os homens de acção! E' flagrante o intento, mas irrealisavel! Tão diferentes como a agua do vinho, *Bichêsa* duma figa!

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Osorio.*

CASA BANCARIA

No magnifico edificio onde muitos anos esteve estabelecido o *Hotel Cisne*, á Rua 5 de Outubro, inaugurou os seus serviços na quarta-feira desta semana, a delegação da Caixa Geral de Depositos, que funcionava junto da repartição de Finanças.

Assistiu á abertura o snr. inspector Barbosa Araujo, ficando superiormente dirigindo os mesmos serviços o sr. Alexandre Prazeres, nosso conterraneo e amigo.

Todas as repartições, gabinetes e mais dependencias da nova casa bancaria estão montados com todas as comodidades, tanto para os empregados como para o publico, como ainda servidos por magnifico mobiliario e mais pertences.

Enfim—á altura.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Carestia da vida

Não ha absolutamente ninguem que se não queixe da carestia da vida. Tudo berra e barafusta contra os governos e, afinal, lá diz o proverbio e com toda a propriedade que *casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão.*

Ora o nosso país está, evidentemente, nas mesmas condições, se bem que alguma cousa haja. A questão é que da parte do publico houvesse melhor compreensão do seu dever e menos egoismo.

Os pobres governos é que pagam as favas e sofrem as consequencias pela falta do trigo, milho, arroz, açucar e de tudo o mais que escasseia, e tolera-se então o açambarcador correcto e aumentado de ladrão; não se evita o açambarcador-consumidor, o egoista feroz, o que consegue, sem se importar com os outros, fazer largos provimentos, nem se dá caça aos que originam toda esta barafunda em que vivemos.

Não ha duvida nenhuma que tudo está excessivamente caro e não sei mesmo como, no geral, se póde arrostar com tanta dificuldade e certa gente póde governar-se com poucos recursos, fazendo frente ás enormes despezas que situações tão extraordinarias nos crearam.

Porêm, não ha ninguem que se defenda! Ninguem se opõe a essa corrente de loucura e desvairamento em que a sociedade portuguêsa se deixou arrastar.

O publico nada auxilia os governos. O esforço que ele faz é pedir ao Estado aumentos de ordenado. E' pedir aos influentes politicos empregos, pondo de parte as suas profissões, entregando-se, por essa fórma, á ociosidade. E' pedir leis para as horas de trabalho serem reduzidas e o descanço e a bôa vida se prolongar. E assim sucessivamente sem que ninguem se lembre que quanto mais se pede e obtem, mais todos caminhâmos para o grande desequilibrio economico que levará Portugal á ruina inevitavel.

O publico andava sobresaltado e apreensivo com a chegada do dia 17 de dezembro em que se anunciava o fim do mundo! Sobresalte-se, sim, mas é com tudo que já vâmos experimentando. Mas parece que se vive despreocupadamente, sem receios de tempestades que possam descarregar sobre nós, não como castigo de Deus, que não faz mal a ninguem, mas duma raça que cada vez nos dá mais evidentes provas da sua superioridade.

E' triste dize-lo, mas é uma verdade.

O animal das selvas ultrapassa-nos em instintos menos ferinos. Luta pela sua sustentação e dorme. O animal homem, esse, vai mais longe, estabelecendo entre si um paradoxo que nos amesquinha. Se por um lado luta e se esforça por descobrir na sciencia, nos segredos da arte cousas belas, por outro emprega o seu tempo, principalmente, nas descobertas *maravilhosas* de instrumentos barbaros para matar o seu semelhante ou reduzir a nada o que ele produziu de grande e suntuoso, de magnifico e surpreendente!

Isto é brutal e não devia admitir-se numa época de tão apregoada civilisação. O grande progresso dos homens trouxe á supuração das sociedades uma tal complexidade de cousas, que nos leva a um desânimo e pouca fé nas bôas intenções daqueles a quem competia serem o guia do nosso bom rumo.

* * *

Como ia dizendo, todos se queixam da carestia da vida e o alvo para quem é dirigida toda a metralha é para os governos, o que me leva ao convencimento de que para o futuro passaremos a meter requerimento ao governo para nos fornecer cama, meza, jogos recreativos, etc. Já agora c[illegible]-se a obra do comodismo e do d[illegible] c[illegible]rer.

Eu pasmo e adm[illegible] ha coragem para encarar co[illegible] indiferença o aspecto da nossa [illegible]ação, tão cheia de perigos, tão am[illegible]ada de fóme. E contudo ninguem se defende, ninguem tenta um esforço procurando ser economico, evitar o superfluo, cercear despezas que não sejam de primeira necessidade, finalmente, fazer por gastar o menos possivel e habituarnos a poupar.

Nesta vid'airada em que a febre do luxo é um pavôr, em que a mania da grandêsa, nos pequenos, é uma loucura, não sei onde tudo irá parar.

As aparencias da opulencia e ostentação em todas as camadas sociais, dános a impressão de que o país vive num mar de grandes riquezas; mas, verdade ou mentira, não ha ninguem que se não queixe das dificuldades da vida e todos gritam contra os governos como se esses sejam os unicos responsaveis de tu-

Um caso de demencia

Providencias a quem compete

O caso da demencia do sr. Faustino tem dado muito, mesmo muito que falar.

O povo vai tomando gosto pelo caso e não é raro vêr-se o *Democrata* passar de mão em mão até ser lido por todos.

Alguns levam o caso para a pilheria, para a chuchadeira e estalam de riso fazendo os mais ácres e interessantes comentarios; outros tomam-no mais a sério e perguntam porque é que á autoridade ainda não providenciou como o caso requer; isto é, mandando encerrar num manicomio o pobre louco.

Seria este, a nosso vêr, o caminho mais avisado e seguro.

Agora mesmo toma o caso de demencia do sr. Faustino novas proporções e nele se volta a falar com mais insistencia e hilaridade, pois que, segundo nos dizem, teem aparecido na visinha e populosa vila de Ilhavo uns certos individuos com lanternas acêsas, mesmo durante o dia, dizendo a quem os interroga que andam a procurar o juizo do Faustino.

Novos Diogenes que se entregam á improba tarefa de procurar o que só muito dificilmente poderão encontrar — o juizo do sr. Faustino.

Mas relatemos o que ha pouco se passou com um desses Diogenes.

Um homem ainda novo, pois regulava pelos seus 25 a 30 anos, de altura regular, rosto oval, olhos castanhos, cabelos louros e compridos soltos ao vento, bigode farto, roupa clara já bastante quotiada, procurava, ou para melhor dizer, farejava por todos os cantos, com uma grande lanterna acêsa na mão esquerda e um pequeno cacete na mão direita, alguma cousa de todos ignorada.

A maneira cuidadosa como ele procurava; o interesse com que minuciosamente revolvia toda a poeira das ruas e lixo das sargetas, depressa atraíu a atenção do povo e dentro em pouco se viu rodeado de rapazes e mulheres curiosas e ávidas de saber de que tratava aquele desconhecido.

— Que será o que procura? — interrogavam diferentes pessoas ao mesmo tempo.

— Foi dinheiro que o homemsinho perdeu, com toda a certêsa.

— Foi um alfinete de ouro com brilhantes que lhe oferecêram no dia do seu casamento.

— Foi, mas é um botão de ouro.

— Ele anda tão triste!

— Se te parece!

E todos com os olhos no chão procúravam alguma cousa de valor — alguma perola, algum topazio.

— Mas que foi, homemsinho, que foi que perdeu? — pergunta-lhe uma mulher ainda nova, esperta e ladina, tipo perfeito de regateira.

— Olhe, lhe responde o homem, não foi nada. Eu não perdi nada; mas li, ha tempo, em *O Democrata* que um tal Faustino, que eu nunca conheci, perdeu o juizo e alguns amigos ofereciam alviçaras a quem lh'o encontrar e restituir intacto. Por isso resolvi saír de casa com esta lanterna a vêr se o encontro, porque as alviçaras devem ser chorudas.

— O quê? — interrogam imediatamente do lado. O juizo do Faustino do Canhão?

— Sim, minha senhora, deve ser de esse mesmo — responde delicadamente o homem.

— Mas isso é lá cousa que se veja? O juizo do Faustino do Canhão!!! E todos repetiam a meia voz — o juizo do Faustino do Canhão!

— A's vezes, minha senhora, Deus quer ajudar os pobres e o trabalho tudo vence. O que ainda ninguem me disse, e era para mim a melhor pista, foi qual era o tamanho do juizo do tal Faustino do Canhão, a fórma e a côr que tinha.

Uma estridente gargalhada rebentou então á volta dele, ao mesmo tempo que uma voz de mulher lhe dizia:

— Olhe, quem lhe póde dizer alguma cousa a esse respeito é o sr. presidente Marmelinho.

— Marmelinho?! — repete o homem entre admirado e confuso. Não tenho a honra de conhecer tal cavalheiro, mas pelo nome deve ser bôa pessoa. E em voz baixa, com os olhos pregados no firmamento, repetia — Marmelinho! Marmelinho!...

— Olhe — lhe diz uma voz sonora de mulher — mora mesmo aqui, nesta casa. Se lhe quer falar?! E' pessoa muito atenciosa e delicada; fala ainda que seja com uma creança; e além disso é muito entendida em negocios como toda a gente sabe...

Ouvindo isto, o homem dirige-se de lanterna em punho para a residencia do sr. Marmelinho, enquanto a mulher lhe recomendava a meia voz:

— Olhe, olhe, chame-lhe snr. presidente, chame-lhe sr. presidente.

— Obrigado, obrigado — volveu-lhe o homem, agradecendo.

Chegado junto da porta do sr. Marmelinho, pousa no chão a lanterna, encosta o cacête á hombreira, tira o chapeu, compõe a gravata, cofia o bigode e em seguida comprime com o indicador da mão direita um botão que se encontrava junto da porta e imediatamente se ouve soar a campainha no interior da casa.

A creada não se fez esperar. Uma rapariga de mediana estatura, dos seus 18 a 20 anos, de olhar vivo e rosto moreno, tipo perfeito de tricana, abre a porta e pergunta:

— O que deseja?

— Falar ao sr. presidente Marmelinho — responde o desconhecido.

— Sim, sim. Tenha a bondade de entrar e sentar-se que ele não demora. Eu vou já dizer-lhe que está aqui um cavalheiro que lhe deseja falar com urgencia.

— Era isso mesmo que eu queria, minha senhora, com urgencia...

Y.

...do, e em volta deles se não aglomerem os exploradores, formando verdadeiros bandos.

O governo tem a obrigação, é facto, de olhar para os abastecimentos do país; mas nós, o publico, temos o dever: 1.º — de o auxiliar; 2.º — de sermos economicos e poupados; 3.º — de não sermos egoistas, fazendo a distribuição equitativa dos generos; 4.º — menos luxo e mais simplicidade; 5.º — cercear tanto quanto possivel os vicios e habitos que arruínam a saúde e custam muito dinheiro. Isto ou então muito juizo para entrarmos, enfim, num caminho de menos obstaculos, mais desafogado.

José G. Gamelas

A DEBANDADA

Deixaram de pertencer ao partido democratico, comunicando essa sua resolução ao respectivo Directorio, o contra-almirante Manuel Eduardo Corrêa e o capitão de mar e guerra Alfredo Guilherme Howell, que, no dizer dum colega lisbonense, são dois dos mais ilustres oficiaes da nossa marinha de guerra e republicanos da velha guarda, cujos serviços á causa da Democracia são inumeros e valiosos.

E' um nunca acabar.

Desastre e morte

Ha dias, faleceu no hospital desta cidade, onde déra entrada, Policarpo Fernandes, de 24 anos, jornaleiro, natural de Valongo, com residencia no Fontão, do visinho concelho de Agueda, por ter sido atingido com um tiro no baixo ventre quando, a caçar, bateu com a coronha da arma num coelho que lhe surgiu ao pé.

O infeliz expirou entre um tormentoso sofrimento, deixando viuva e dois filhinhos de tenra idade.

VIVAS

Quando na sessão da Câmara dos Deputados, efectuada no dia 6, se procedia á votação dum aditamento proposto pelo snr. Barbosa de Magalhães, para que o dia 24 do corrente seja considerado de gala nacional, *mas só este ano*, o sr. Jaime de Souza, na altura de ser declinado o seu nome, declarou:

— *Regeito!*

E com vigor exclama ainda:

— *Viva a Republica! Vivam os heroes de Monsanto!*

Então, o snr. Barbosa de Magalhães, do fundo do seu *fauteuil*, responde:

— *Vivam tambem os republicanos de 5 de Outubro!*

Ao que o sr. dr. Julio Martins, com vivacidade, atalha:

— *Vivam os republicanos historicos!*

E por fim o snr. dr. Ramada Curto, antigo parlamentar democratico, convertido ao socialismo:

— *Viva a Republica Social!*

Escusado será dizer que nenhuma destas manifestações republicanas conseguiu ruborisar as faces macilentas e esqualidas do *antigo e futuro dirigente da nação*...

Pois se *quem não tem vergonha todo o mundo é seu*...

Notas mundanas

Para o snr. Augusto Natividade da Silva, alferes de infanteria 24, foi na semana preterita pedida a mão da sr.ª D. Clotilde Amelia Corrêa Nobrega, gentil filha do snr. Alexandre Corrêa Nobrega, condutor das Obras Publicas.

== *Estiveram em Aveiro os nossos amigos, snrs. dr. Joaquim de Azevedo e Castro, muito digno delegado do Procurador da Republica na comarca da Vila da Feira e José Luciano Lagoeiro, de Veiros, Estarreja.*

== *No vapor* Lourenço Marques, *prestes a seguir viagem para a Africa Oriental, deve partir a ocupar o sue antigo logar de fiel das Alfandegas da provincia de Moçambique, o nosso conterraneo e amigo snr. Augusto Duarte dos Reis.*

Muitas felicidades.

== *Por ter sido mordido por um cão atacado de hidrofobia, encontra-se no Porto, em tratamento, o snr. José de Melo Cardoso, aluno de medicina da Universidade de Coimbra.*

TEMPORAL

Foi violento e duro aquele que desde sexta a domingo açoitou toda esta região, não ocasionando, porém, desastres ou prejuizos de grande monta.

Na nossa ria achava-se ancorado um barco, propriedade do sr. Manuel Rodrigues Cana, de Pardilhó, contendo 4 toneladas de ferro que tinha de conduzir para o sr. Carlos Pereira Valente, tambem daquela freguesia, concelho de Estarreja.

A's 23 horas de sabado, o barco, batido pelo vento e pelas ondas altaneiras da ria, principiou a encher-se de agua, afundando-se em seguida. A bordo estavam Luiz Valente Estrela e seu filho Manuel, de 11 anos, sendo este salvo por o pae, acudindo aos gritos dos dois várias pessoas que o socorreram, visto tudo terem perdido no naufragio.

Ao Luiz Estrela, já homem alquebrado, valeu-lhe ser um explendido nadador, conseguindo conservar-se junto ao paredão da ria, porque de contrario teria sido envolvido pela corrente e por tanto vitima.

O tempo agora está sereno e limpo o firmamento. Só o frio aperta intenso e cortante, mas se da época é proprio não ha remedio senão aguenta-lo.

Formatura

Transcrevemos de *A Gazeta*, de S. Paulo, E. U. do Brazil, edição de 6 de dezembro do ano findo:

Pela Faculdade de Direito desta capital, acaba de saír bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes, o dr. José Carlos da Silva Freire, distinto advogado em Caçapava e inteligente jornalista naquela cidade.

O novo advogado tem-se revelado um moço de valor e de talento, já na vida juridica, com a publicação de alguns volumes de direito, já na vida jornalistica, como director de jornaes na zona do Norte de S. Paulo.

Terminou o seu curso com notas brilhantissimas e irá ter na vida prática uma carreira prospera.

O *Correio Paulistano*, do mesmo dia, e que tambem acabâmos de receber, refere:

Completou ontem, com brilhantes notas, o seu curso na Faculdade de Direito desta capital, o snr. dr. José Carlos da Silva Freire, advogado em Caçapava, onde desempenha com brilho o cargo de colaborador-correspondente do *Correio Paulistano*.

O novo bacharel, que sempre se revelou um estudioso, é autor de varias obras de direito, tendo já publicadas as de *Direito Publico e Constitucional*, *Filosofia do Direito* e *Economia Politica*, e tendo em elaboração actualmente a de *Direito Romano*. Fez um curso brilhante, iniciando-o na Universidade, e é um habil jornalista.

José Carlos Freire é nosso conterraneo e um dos velhos amigos de *O Democrata*, de quem, todavia, não recebemos noticias ha bastantes anos. Contudo, nem por assim ser deixâmos de nos congratular com os triunfos literarios do estimado aveirense, cujo nome a imprensa paulistana acaba de pôr em destaque, como acima se vê, e felicitando-o pela conclusão dos seus trabalhos escolares, ser-nos-á sempre grato acompanhar o novel doutor nos progressos que são de esperar da sua actividade e da sua inteligencia.

Novo barco

Nos estaleiros da Gafanha foi no domingo, pelas 16 horas, lançado á agua mais um excelente lugre ali construido sob a habil direcção do snr. Alfredo Matos Monica e que, baptisado pela sr.ª D. Celina da Cunha Soares, recebeu o nome de *Nun'Alvares*.

Apezar do tempo agreste, acorreu ao local avultado numero de pessoas, entre elas bastantes convidados pela *Emprêsa Naval e Construtora Mercantil, L.ª*, de que é gerente o sr. Joaquim Soares, e a cuja iniciativa se deve mais esta demonstração da habilidade dos nossos artistas.

O *Nun'Alvares* é um barco de 900 toneladas, comportando cêrca de 1:500 pipas. Construido com madeiras de pinho, carvalho e amieiro nacionaes, mede de pôpa á prôa 57 metros, a bôca 10, o pontal 4,60, tem 4 mastros, 3 porões e junto ao leme um retabulo para a élice. O cavername, tambem de madeira, dizem os técnicos estar solidamente construido, merecendo deles, por esse facto, os mais rasgados elogios.

Depois da sr.ª D. Celina Soares, na sua qualidade de madrinha, ter procedido á quebra da garrafa de champagne na quilha do navio e do sr. capitão de mar e guerra, Judice Bicker, cortar a respectiva amarra, este entrou, finalmente, na agua, onde flutua e aguardará o momento de encetar a sua primeira viagem na primavera proxima.

Numa das dependencias do estaleiro foi em seguida servido um finissimo *copo d'agua* aos convidados em que brindaram, entre outros, os srs. dr. Querubim Guimarães, dr. Alberto Souto, Joaquim Soares e o jornalista portuense Joaquim Salgado, que em nome da imprensa agradeceu as ferencias a ela feitas pelo primeiro orador.

O *Democrata*, agradecendo o convite que lhe fôra endereçado, sente não ter podido fazer-se representar na festa que a *Emprêsa Naval Construtora Mercantil, L.ª*, levou a efeito, mas nem por isso deixa de lhe manifestar a sua simpatia, desejando lhe as maiores prosperidades, como merece pelas rasgadas iniciativas a que se está abalançando.

ARTE...

Trecho excentrico de musica, original do grande compositor *Bichêsa*, sob o têma — *Engraixar*:

. . . .

Vareiro de animo tonificado pelas brisas do Atlantico, que lhe ruflam nas vidraças, lavadas como as prateadas areias da sua costa, onde chega o praia-mar de cada dia, enche a sua terra de beneficios, disputando-os muita vez ao sacrificio da propria bolsa e da propria vida!

Brilhante, sincéro e comovedor!

Grande musico!

NECROLOGIA

Faleceu na passada terça-feira o sr. Manuel de Matos, de 31 anos, casado, vitimado por uma lesão cardiaca.

Negociante e empregado da Companhia do Sal, que o tinha no maior apreço não só pelas suas qualidades como pelos seus serviços, o finado era extremamente querido tambem por toda a beiramar, para quem fôra sempre o amigo e o auxiliar desinteressado.

O seu funeral traduziu perfeitamente a gratidão e a estima publicas, sobretudo daqueles a quem a sua filantropia acudiu, enxugando muitas lagrimas e evitando muitas aflições.

Deixa dois filhos de tenra idade.

* * *

No dia seguinte, de tarde, e quando acompanhava um feretro, caíu, fulminado por uma congestão, ao entrar no cemiterio, o sr. João Freire, de 83 anos, viuvo, homem trabalhador e honrado cidadão.

A's familias enlutadas a expressão das nossas condolencias.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 8

Como dissémos, inaugurou-se no dia 1 em Mamodeiro, a Sociedade de Instrução e Recreio, com a assistencia da tuna do Carregal que imprimiu á festa dos nossos visinhos a maior animação desde o seu inicio.

Houve uma sessão de abertura, a que presidiu o nosso amigo e digno regedor da freguesia, Claudio Portugal, tendo usado da palavra para explicar os fins da Sociedade o professor Domingos de Carvalho, incansavel em levar por deante a aspiração dos que tomaram sobre os seus ombros o encargo de tamanha emprêsa e que foram, além dos cidadãos acima citados, mais os srs. Anibal G. Portugal, Augusto F. Marques, José Ferreira Barreto, Avelino Ferreira da Costa, Alberto Duarte de Matos, Arnaldo Ferreira da Silva, Virgilio Souto Ratola, João Martins da Maia, João Gonçalves Vieira, Manuel dos Santos, Manuel Ferreira, Antonio dos Santos Escaldas Ferros, Joaquim Ferreira Saraiva, Diamantino Francisco Carvalho, João Fernandes Novo, David José de Barros, Adelino dos Santos Braz, João Fernandes, Braz de Oliveira Moraes, José Marques Vieira, Antonio Duarte de Matos, Manuel Ferreira Junior e Joaquim Marques Saraiva.

A estes e ainda aos que de futuro venham a concorrer para as prosperidades da nova agremiação, os nossos parabens por tão louvavel iniciativa.

— Por falecimento de sua avó, está de luto o nosso amigo José Simões, das Quintans, a quem enviâmos o nosso cartão de pêsames.

C.